

2. BAD O QUÊ? UMA PRODUÇÃO SOBRE O BADMINTON

Aline Santos do Nascimento

Conhecido por ser o esporte mais desconhecido, o badminton é bastante próximo da realidade brasileira. Cada partida conta com estruturas do vôlei de praia, do tênis e do frescobol; uma peteca; e uma raquete estranha, tipo aquela que você usou o verão inteiro contra pernilongos, a zika e a dengue. (Porta dos Fundos, 2016)

O presente trabalho foi desenvolvido com 35 estudantes do 5º ano C da Emef Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada na zona leste de São Paulo. Após retornar do recesso escolar, fiquei pensando na necessidade de selecionar uma prática corporal que ainda não havia sido investigada com essa turma. Optei pelo badminton por ser uma prática ainda não investigada com nenhuma turma na escola; pelo número bom de raquetes e petecas que nunca foram utilizadas na escola; pela necessidade de ampliar o acervo de práticas corporais pouco conhecidas e/ou vivenciadas pelxs⁴ estudantes; por ser uma prática esportiva que oficialmente é possível jogar com equipes mistas.

No primeiro encontro com a turma esclareci os motivos que me levaram a escolher o badminton e alguns questionamentos foram feitos: “*Professora, o que é badminton?*”; “*Bad o que?*”; “*Mas não sabemos jogar isso*”. Expliquei resumidamente que a prática se tratava de um combinado de regras de outras modalidades e que se aproximava do tênis e do frescobol. Claro, não me esquecendo de suas especificidades.

Levei para o encontro o material utilizado no badminton para apresentá-lo à turma. No final do encontro, fizemos uma breve vi-

4. Representar dessa maneira as diversas posições de sujeito é uma ação política pós-identitária.

vência prática no pátio. Com uma bexiga, xs estudantes deveriam golpeará-la com força e, em seguida, realizaram o mesmo com as petecas próprias do esporte. Utilizei a bexiga para que elxs exercessem força tanto com a raquete como com as mãos, já que o badminton é um esporte muito rápido e, apesar de a peteca ser leve, é preciso, em diversos momentos, golpeará-la com força. A velocidade do implemento depende disso.



Fonte: Acervo da autora.

No encontro seguinte, montei na quadra uma rede numa altura inferior ao estabelecido pelas regras do badminton para que pudéssemos ter nossa primeira vivência do jogo. A princípio tínhamos um número de 14 raquetes, o que nos permitiu fazer 07 jogos simultâneos. Enquanto alguns estudantes jogavam individualmente, xs demais fizeram duplas e usaram outras petecas. Essas petecas foram confeccionadas com jornal e tecido e já estavam disponíveis na escola para uso. Esse formato das vivências aconteceu durante duas aulas.





Fonte: Acervo da autora.

Nos encontros seguintes, as vivências práticas tiveram outro formato. Na quadra, xs estudantes deveriam fazer o controle da peteca junto à raquete ou, como eu prefiro dizer, fazer o máximo de “*petequinhas*”. Deixei-me levar e fui tentar fazer. Claro, passei vergonha, não consegui chegar a 10. Isso possibilitou que aquelxs que também não conseguiam, não parassem de tentar. Criamos ali um momento bem agradável e descontraído. Ríamos de nós mesmxs o tempo todo. O máximo de “*petequinhas*” que uma pessoa conseguiu foi de aproximadamente 42. Foi o dia de petecar.



Fonte: Acervo da autora.

Para ampliarmos e aprofundarmos nossos conhecimentos, levei diversos vídeos para que pudéssemos apreciar. O primeiro vídeo que apresentei foi produzido pelo canal “Porta dos Fundos”⁵, no qual é apresentado o badminton para uma pessoa que sequer sabe de sua existência. Confesso que quando estava selecionando os ví-

5. Disponível em: <<http://bit.ly/2R3w7yz>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

deos dei muita risada com as expressões presentes no vídeo, algo muito próximo do que havia acontecido com a turma. Ao apresentá-lo, muitos estudantes relataram se sentir da mesma maneira que o protagonista do vídeo: perdidos.

O segundo vídeo é uma produção feita pelo Mauro Nakada⁶ que, em seu canal do Youtube, tem uma série de vídeos explicativos contando com as principais regras e características das modalidades olímpicas. Essa produção foi feita para ser veiculada antes das Olimpíadas 2016, no Brasil.

Já o terceiro vídeo, produzido pelos estudantes Alex e Álvaro (colégio Aquila), apresenta as posições e golpes básicos⁷ do badminton, sendo eles: posição de espera; saque largo; saque curto; movimento de “estocada”; *drive*; revés; lof o globo; *drop*; *net drop* (deixada); *clear*; *smash* (cortada). O vídeo é bacana porque no final apresenta alguns gráficos dessas posições e golpes, o que nos ajuda a entender qual a melhor ação a exercer dependendo da jogada adversária.

O quarto vídeo apresenta alguns momentos do Campeonato Sul-americano de badminton (Sulam),⁸ realizado na cidade de Foz do Iguaçu, entre os dias 06 a 13 de dezembro de 2015. Essa filmagem foi produzida no primeiro dia de competição e apresenta diversos atletas, da categoria até 15 anos, competindo no formato simples masculino, simples feminino e dupla mista.

O quinto vídeo é uma reportagem feita pelo Canal Píá na Web⁹ que apresenta um projeto social de grande repercussão na favela da Chacrinha, localizada em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Nesse projeto, centenas de crianças treinam todos os dias num ginásio erguido dentro da comunidade por Sebastião Oliveira, um apaixonado pelo esporte, que dedicou a sua vida à construção da quadra, que fica nos fundos de sua casa. Seu filho, Donian, de 11 anos, é um campeão: já percorreu vários países da América do Sul, em campeonatos, angariando várias medalhas e está pensando em chegar até as Olimpíadas.

6. Disponível em: <<http://bit.ly/2lkehDI>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

7. Disponível em: <<http://bit.ly/2xPZoE6>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

8. Disponível em: <<http://bit.ly/2N6eU48>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

9. Disponível em: <<http://bit.ly/2R4P97R>>. Acesso em: 10 ago. 2017.



Fonte: Acervo da autora.

A análise e apreciação desses vídeos nos ajuda a compreender como a prática é veiculada pelos meios de comunicação. Enquanto o canal Porta dos Fundos apresenta o badminton de maneira satirizada, os demais trazem elementos que nos ajudam a entender um pouco sobre seu contexto histórico, códigos e significados que circulam entre seus representantes, deixando de ser uma prática totalmente desconhecida.

Retomando as vivências, apresentei a peteca oficial com 16 penas de ganso do lado esquerdo. Esse material foi emprestado pela professora Jaqueline Martins.¹⁰ Durante a aula deixei que todos os estudantes manuseassem e golpeassem a peteca oficial. Em seguida,

10. Querida parceira do GPEF que tem um acervo imenso de materiais de diversas práticas corporais.

em duplas, executaram os golpes que apareceram nos vídeos acessados nas aulas anteriores.

A maior dificuldade que pude perceber durante as vivências práticas foram os golpes. Fizemos esses golpes durante toda a aula. Trocamos de duplas, raquetes e petecas. Xs estudantes conseguiram perceber que uma raquete é mais pesada que outra, bem como as petecas disponíveis. Elxs não gostaram muito da peteca mais leve (oficial), pois era muito mais difícil o seu controle. Apesar da euforia inicial em utilizar a peteca oficial, no decorrer da aula a briga foi para quem jogava com a peteca verde (mais pesada).



Fonte: Acervo da autora.

Na quadra, utilizei a rede de vôlei e adaptei as linhas para que pudéssemos jogar conforme as regras. O que nos surpreendeu foi que estava garoando e ventando muito, então a dupla que estava posicionada contrária o vento foi prejudicada durante o jogo, pois o vento acabava impedindo que suas jogadas chegassem ao campo adversário, e quando iam recepcionar a peteca, o vento fazia com que ela tivesse sua trajetória alterada, ludibriando-xs.

No início, xs estudantes ficaram irritadx, então resolvemos esquecer as regras e tentar fazer com que a peteca ficasse no ar durante o jogo. Depois dessa decisão, percebemos que estávamos conseguindo jogar. Percebi também que elxs não se organizam no espaço da quadra e, quando a peteca vinha, duas pessoas iam de encontro e a peteca acabava caindo. Isso gerou certo desconforto. Pedi para que elxs

conversassem sobre quem iria primeiro na peteca, ou dividissem suas ações pelo espaço da quadra. Era preciso organizar as posições e ações.

Ainda, percebi que em muitos momentos giravam a raquete durante o golpe, o que fazia com que a peteca fosse para trás ou batia na raquete e caía no chão. Diversos erros de saque aconteciam, elxs jogavam a peteca para cima e quando tentavam golpeá-la, ela caía no chão. Era preciso colocar em prática as técnicas da modalidade, o que não foi algo fácil de realizar.

Em certa aula, devido à chuva, partes da quadra estavam molhadas e conseguimos montar apenas uma rede; fizemos então jogos de 10 pontos. Assim, conseguimos que todxs que estavam presentes participassem. Havíamos combinado de utilizar a peteca oficial durante as vivências de jogos, mas, pelo contato inicial, elxs se recusaram a jogar com ela por ser “*muito leve, professora*”.

A aluna Raíssa alegou não estar contente e perguntou se poderia fazer outra coisa para ajudar, pois não queria participar dos jogos. Respondi que ela poderia ficar a cargo dos registros e prontamente começou a realizar a filmagem dos jogos. Seus registros perpassam a escrita deste texto.



Fonte: Acervo da autora.

Durante o andamento do estudo, elaboramos um projeto a fim de que fossem pintadas, em um espaço livre, três quadras de badminton. Tivemos a ajuda do professor de Geografia que fez os cálculos da área disponível a ser pintada com as dimensões das quadras. Ainda, a ajuda da professora de Educação Física que também iniciou os estudos do badminton com suas turmas (trazendo força

para o projeto) e justificamos que seria, além de um espaço disponível para a prática, uma conquista coletiva dxs estudantes. Depois de ser analisado pela gestão da escola, a pintura foi realizada e a conquista muito bem festejada. Afinal, aquilo fora a materialização de um estudo durante as aulas de Educação Física. Mais um terreno conquistado!

Após a finalização da pintura, fomos revezando as diversas possibilidades de vivenciar as práticas (misto, feminino x feminino, masculino x masculino, feminino x masculino). Em uma das fotos, os registros sendo realizados pela aluna Raíssa.



Fonte: Acervo da autora.

Para finalizarmos, em conversa com xs estudantes decidimos montar maquetes para deixar expostas na comunidade escolar a fim de proporcionar acesso à prática pouco conhecida e ao trabalho desenvolvido. Essas maquetes foram produzidas por grupos e deveriam expressar o badminton e conter informações que xs estudantes achassem necessárias para que o público pudesse compreender a maquete e o projeto realizado. O acervo produzido ficou exposto

durante algumas semanas e foi visto pela comunidade durante as reuniões de pais e/ou responsáveis.

Tendo em vista todo esse percurso e ciente das produções dxs estudantes, pesquisas realizadas, materiais de suporte acessados, diversas formas de organização e prática, possibilidade de participar da aula de diversas maneiras, ajuda de professores parceiros e parceria da gestão na materialização das quadras, penso que a Educação Física pautada nos pressupostos do currículo cultural possibilita uma prática pedagógica capaz de ouvir e potencializar a produção de conhecimentos dxs estudantes, que, para mim, são autores/artistas de um currículo vivo.



Fonte: Acervo da autora.